

SÉRIE RECANTO
TALIESIN

GEMINHA

Não gosto de brigar. Eu gosto de
cantar!

Copyright© Mariangela Colombini Braga

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s) Autor(es), proprietário(s) do
Direito Autoral

2016

Segunda edição

Ilustração: Francisco Zanella

Participação técnica: Walter H. Colombini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do
Livro, SP, Brasil

Índices para catálogo sistemático:

Ficção : Literatura infantojuvenil

ALGUMAS PALAVRINHAS

Vamos agora acompanhar a história de um canarinho bem amarelinho, um canário da terra que assim que chegou ao Recanto Taliesin - Mantenedouro de fauna silvestre, organização que oferece apoio ao IBAMA- Instituto Brasileiro de Meio Ambiente para abrigar animais da fauna brasileira vitimados pelo tráfico ou acidentes naturais e que se tornam inaptos para o retorno à vida livre, foi logo chamado de “Geminha”.

Policiais ambientais em operação de combate ao tráfico de animais silvestres, realizaram uma apreensão em um local onde muitos como ele eram mantidos em cativeiro e treinados para lutar uns com os outros e divertir aos que organizavam esse bárbaro espetáculo gerando inclusive apostas. Chegou para o Recanto um grupo deles que meses depois ganhou liberdade.

Durante o breve período de tempo que estiveram abrigados no Recanto, nos aprofundamos em pesquisas sobre essa atividade a qual os homens

chamam de diversão. E criamos situações baseados nessas pesquisas para compor essa história de ficção.

Acreditamos que esse é o meio ideal para exemplificar o que os educadores conscientizadores de preservação ambiental tentam levar quando se propõe a ampliar suas ações que deixam de se ater em manter o animal que não tem mais serventia para a natureza e iniciam incessantemente o trabalho de defender a vida selvagem em seu habitat natural, protegendo a biodiversidade.

INTRODUÇÃO

A trajetória desse ser tão pequenino e, aparentemente, tão frágil, vai nos mostrar a força que podemos ter quando queremos alcançar nossos objetivos.

Geminha, passarinho tão delicado, mas que enfrentou as dificuldades com coragem e determinação, é para todos nós um grande exemplo. Não se intimidou diante dos obstáculos e lutou com garra para, enfim, transmitir ao mundo o direito de expressar o canto de vencedor.

Embora muitos corações ainda permaneçam fechados e aprisionam essas maravilhas da natureza, muitos outros se encontram abertos, amando-os em liberdade.

Certamente, o seu coração já está livre das grades do egoísmo, ou estará, após ler a história de Geminha. E, junto com ele, realizar o *voo mais alto*.

Valquíria Gazze



Geminha é uma ave amarelinha, de um amarelo tão intenso que seu cuidador lhe deu esse nome. Tinha a cor de uma gema de ovo. Um ovo tal qual o que sua mãe havia botado e chocado para então quebrar no dia certo e nosso amiguinho nascer. Geminha ainda se lembra de ter que bater com a pontinha do bico na casca do ovo para de lá poder pular fora. Era hora de ver o dia, o céu azul e logo por ele voar. Antes, queria muito ver o rosto de sua mãe, conhecer de quem era aquela voz que ouvia nos últimos dias. Em um desses momentos ele pôde escutar uma conversa em que diziam o quanto estava lindo o azul do céu e como as aves voavam através da imensidão, livres, acompanhando o vento. Por isso era só nisso que ele pensava. E quando se sentiu pronto, com força suficiente para romper a casca, iniciou um batuque que logo foi ouvido por sua mãe, que acompanhava tudo ansiosa pelo nascimento do bebê.

Estavam em um ninho feito de fios de algodão, bem aconchegante, em forma de cuia, ou meia-bola, construído pela dona Sonora – esse era o nome da mãe de Geminha – dias antes de ela botar.

Geralmente as aves constroem seus ninhos em galhos de árvores, bem escondidinhos pelas folhas, para serem protegidos do vento, da chuva e dos predadores. Confeccionam os ninhos com fiapos de plantas, galhinhos bem fininhos, crina de cavalo e tudo o mais que encontram para tecer o berço do filhote. Mas não era assim o ninho do Geminha. Não era natural nem estava em uma árvore.

– Toc, toc ... Ui, que duro! Ajuda, mamãe! – dizia Geminha, enquanto tentava fazer o primeiro furinho com a ponta do bico na casca do ovo.

– Não, mocinho, você tem força! Vamos lá! Quebre sozinho! Se não tiver força para sair sozinho do ovo, nunca terá força suficiente para sobreviver – dizia carinhosamente d. Sonora.

Depois de algumas bicadas e empurrões com a cabecinha para partir a casca, finalmente d. Sonora pôde ver o rostinho de seu filhote, que sacudiu o corpinho e as asinhas em sinal de liberdade. Logo ela o cobriu com seu corpo para aquecê-lo, pois os filhotes nascem peladinhos e sentem frio. E assim foi, até que finalmente Geminha pôde abrir os

olhinhos e reconhecer o local onde estava seu
ninho.

– Onde estamos, mamãe? Isso é uma árvore?

